

a moura

Drama medieval em quatro atos para vinte e tal personagens

De Luís Palma Gomes

Prólogo

A história acontece em Ourém.

Os cenários são uma taberna, o terreiro do Castelo e uma clareira do pinhal entre o Mosteiro e o rio. Data de 1362, reinado de D. Pedro I, “o Justiceiro” - vinte anos depois da Batalha do Salado (1340), onde a filha do Sultão Abnar Hassan Ali, Fátima, é feita refém. Fátima, mais tarde batizada como Oriana, vive como hóspede no Mosteiro, estando ainda assim condicionada pela regra daquela congregação.

O Rei D. Pedro seguido pelo seu séquito, viaja, sempre em montarias e folguedos, por todo o reino de Portugal. Caça agora perto do Condado de Ourém. Dom João Afonso, 1º Conde de Ourém, habita o castelo, sendo D. Rodrigo, seu sobrinho e filho do anterior senhor daquelas terras, o alcaide-mor do castelo.

Chega ainda a Ourém, uma cruzada de mulheres e crianças vinda do Norte de Portugal e de Espanha. Têm como objetivo resgatar os seus homens feitos prisioneiros na batalha de Linuesa, (1361). Esta batalha entre cristãos e mouros visava disputar último reduto árabe na península, o reino de Granada.

Personagens

Fátima - Princesa moura

D. Rodrigo - Alcaide-mor do Castelo de Ourém

D. João Afonso - 1º Conde de Ourém

D. Pedro I - Rei de Portugal e do Algarve

D. Beatriz - Membro da Baixa Nobreza

D. Afonso Madeira - Valido do Rei de Portugal

Frei António da Cruz - Frade confessor do Conde Ourém

Mulher da taberna

Ajudante de taberneira

1º Homem da taberna - Maldizente

2º Homem da taberna - Bruto

3º Homem da taberna - Bêbado

4º Homem da taberna - Ponderado

Madre Abadessa do Mosteiro

Noviça Maria - Irmã Consciência

Noviça Teresa - Irmã Amiga

Noviça Joana - Irmã Desejo

Noviça Isabel - Irmã Perversão

Maria - Corajosa e diligente

Galega -

1ª Mulher da cruzada

2ª Mulher da cruzada

3ª Mulher da cruzada

1ª Criança (rapaz) -

2ª Criança (rapaz) -

3ª Criança (rapariga mais velha) -

4ª Criança (rapariga) -

1º Pajem

2º Pajem

Cavaleiro Gonçalo Pereira

I ATO

1ª Cena

Cenário: Dentro da vila de Ourém, uma taberna com um balcão, pipas, mesas e bancos. Luz sombria e ambiente sujo e pouco cuidado.

[Todos os clientes da taberna cantam e dançam ao sabor da música “Tourdion”

Bebe bem
Bebe o vinho
Vem beber
Que está fresquinho

Deus ajuda
Quem tem sede
E saúda
Com vinho verde

A guerra dói
A fome mata
Calor mói
Que se farta

(O 1º Homem entra e suspira)

1º Homem

Que estio, Senhores. Que Deus nos valha desta labareda ressequida e sem fim.

3º Homem

(virando-se para traz) Mariazinha! Trazei um pichel de vinho. *(pausa)*

1º Homem

Não vi planta a medrar nem poço de salvação em vinte léguas de caminhos.

3º Homem

Rápido, mulher, senão o homem desfaz-se em cinzas.

Mulher da taberna

(*Gozando*) Falais verdade... Decerto. Já tem cara de lenha seca.

(*risos*)

2º Homem

(*Dirigindo-se ao 1º Homem*) Tendes razão. Escaldão dos diabos! Não foi por acaso que Deus Nosso Senhor nos condenou a este cárcere de fogo. Ele perdoa, perdoa, perdoa... Mas há pecados sem remissão (*espantado*)... Sabeis de quem falo, não sabeis?

3º Homem

(*Bêbado*) Dos judeus... A culpa é dos judeus... Todos sabem... Não foram eles que perseguiram Cristo?... Nunca confiei em quem não gosta de vinho!

1º Homem

Isso é que é pecado.

Mulher da taberna

Pecado? Faleis em sacrilégios? (*segredando*) Sabeis do grande negrume que assola a nossa cidade? Esta manhã, no mercado, corria um rumor desgraçado: "Traição de sangue... sortilégio... Ossinhos de corvos e lagartos". Oh! Tudo por manha de lucifer maldito.

Ajudante de taberneira

E por que razão conspirava o povo?

1º Homem

Pobre criatura que andas apartada do mundo!

Mulher da taberna

Diz-se que a esbranquiçada de D. Beatriz enfeitiçou D. Rodrigo, Alcaide-mor desta cidade.

Ajudante de taberneira

(*indignada*) Pécora... Cabra-mãe de todos os feitiços!

1º Homem

Atiçou-o contra o tio dele, o senhor Conde. Conta-se que vive sedenta pelas suas terras e, que por elas, estará disposta a todos os engenhos. Por mais malévolos e cinzentos que eles sejam.

4º Homem

O povo fala sempre demais, Senhores. É pródigo em maledicência. Lembrai-vos da história do Homem-lobo que rondava os palheiros em noites de lua-cheia? Afinal, era apenas um burro que, exaltado pelo cio, aproveitava o luar para encontrar as burras em seu repouso. (*rindo-se*).

Mulher da taberna

Ver para crer. O alcaide desfalece de amores por ela. (*mais baixo*) Uma mancebia sem pudor. Quando, hoje, cruzou o mercado seguido de um séquito enorme, pressentimos todos que, em

redor dele, bailava um fedor sepulcral. *(avivando o tom)* O Senhor Conde que se resguarde... O homem trazia o inferno dentro dos olhos.

1º Homem

Pudera, com este tempo de estio e de braseiro...

Ajudante da taberneira

Abismo chama abismo. *(assustada)* Virgem maria... Jesus!

3º Homem

E vinho chama vinho. Enche-nos as taças, mulher. Ou preferis assar-nos como condenados à purga do fogo.

(Um projetor, iluminando uma mesa recatada, denuncia a presença de um homem emboçado, que interrompe a conversa)

Conde

(Embuçado com capa) Desculpai-me, senhores. Não é de bom grado interromper-vos. Porém, a curiosidade esmaga-me. *(pausa)* E o Senhor Conde, que pensa ele dessa trama?

2º Homem

(desconfiado) Quem sois vós?

Conde

Que vos importa, camarada, se sou viandante, peregrino, mercador ou ninguém? Dir-vos-ei apenas que passo meus dias buscando só por buscar. *(desiludido)* Tudo em vão. Entendeis?

2º Homem

Não vos entendo, não. E problema haveria se vos percebesse. *(engrossando a voz)* Falais como um demente...

(risada geral)

Conde

Preocupa-vos tanto o que digo e não me respondeste ainda?

1º Homem

Ora, ora Senhor. Deveis ser estrangeiro e de bem longe daqui. Todos conhecem o ódio cego que o senhor Conde tem por D. Rodrigo. *(Pausa)* Até os pelos de sua barba se enrijam como punhais, quando ouve a primeira sílaba desse nome que tanto abomina.

Conde

Que razão tão forte terá ele, contra esse tal nobre de que me falais?

2º Homem

Uma aversão que lhe vem das tripas, sem tino nem destino.

1º Homem

Vem-lhe das tripas e de D. Beatriz, esposa do Rico-Homem D. Álvaro. Mulher esquiva e mui sobeja. Vive em heresia, fornicando com D. Rodrigo e invejando as terras ao Senhor Conde. Dê ele um passo em falso e... catrapus... o condado será deles.

Conde

Será assim tão malvada e interesseira essa mulher?

Mulher da taberna

Digo-vos mais: Noutra tarde, trabalhava eu em casa do Rico Homem D. Álvaro, quando a vi passear apeada sobre o terreiro. Aos poucos... (*Benzendo-se*) Virgem Maria... Notei que deixava atrás dela um rastro de cabra coxa.

Conde

(*interrompendo*) De cabra!?

Mulher da taberna

(*Em tom alto*) De cabra, sim. De cabras, cabritos e cabrões percebo eu e, por Deus vos juro, que eram de cabra as pegadas que vi, com estes dois olhos que a terra há-de comer.

4º Homem

Porque blasfemas, mulher. Melhor seria ficares queda e muda.

3º Homem

(*Levando-lhe as saias*) Ou nos mostrasses as tuas pernas de galinha.
(*Risos. A mulher foge, empertigada, para junto do Conde*)

Conde

(*delicado*) Aproximai-vos, senhora, que eu não vos maltrato.

Mulher da taberna

(*Olhando para a outra mesa*) Cambada de ralé! Má fortuna a minha viver entre homens... Homens não, que homens é outra cousa... Odres de vinho e escárnio, isso sim, é o que vós sois!

(*Na outra mesa, os três homens troçam com ela*)

Conde

Sentai-vos um pouco e acalmai. São homens, mulher! E vós percebeis bem a leviandade dessa plebe. (*Amistoso*) Agora contai-me... contai-me... Conheceis então a intimidade da casa de D. Álvaro e de sua esposa. (*Hesitando*) Como se chama ela? D. Beatriz. Não é?

Mulher da taberna

(*Emendando*) Esposa do Diabo!

Conde

(*Jocoso*) Insistes em pô-la sobre as braseiras do Demo.

Mulher da Taberna

Ela é um covil de vício. (*Segredando*) Vive em mancebia com o Senhor Alcaide, com o acordo e a bênção de seu esposo, D. Álvaro. Às sextas-feiras, pela tardinha, encontram-se na margem de um rio perto do Mosteiro de Cós. Numa veiga por detrás do moinho. Sabeis onde fica?

Conde

Não, minha senhora. Não sou de cá.

Mulher da taberna

É para as bandas de Alcobaça. Nadam nus e abraçam-se em grandes ternuras (*persignando-se*) Cruzes... que carne tão vil e fraca.

Conde

O que dizeis é a boa verdade? Tomai cuidado. São motivos graves demais para falares de má-fé.

Mulher da taberna

(*Ressentida*) Se não acreditais, ide ver vós, ora essa (*Num tom mais baixo*) Guardai segredo se prezas a vida. Não pretendeis conhecer a ira desse par de demónios, pois não? Bico calado.

Conde

(*Pensativo e irónico, falando mais para si*) Rodrigo e Beatriz trajados como vieram ao mundo!

2ª Cena

(*Frei António da Cruz entra e dirige à mesa do Conde*)

Frei António

Que Deus vos guarde (*Olhando para a mulher*) Deixai-nos sós, mulher. Fazei-nos essa graça.

Mulher da taberna

(*Espantada*) Conheceis esse homem! O senhor frade conhece-o?!

Frei António

Oh minha filha! Deves saber que Deus me atribuiu a missão de olhar e zelar pelos que de mim precisam, sejam eles mendigos, viandantes, peregrinos, ou desconhecidos. Entendes! (*Dando indicação da outra mesa*) Agora, ide ver se aquela boa gente precisa de teus préstimos. Ide! Ide! E que o Senhor vos acompanhe...

Mulher da taberna

(Irónica) Uma pancada forte na cabeça. Eis o que eles precisam. *(Levanta-se e dirige-se para a mesa dos três homens)*

Frei António

Recebi a vossa carta. Faláveis de urgência e eu vim logo, ligeiro como o vento. Porém muito assustado. Com a vossa pressa, é claro.

Conde

E para tua desgraça, foi também por causa de uma outra carta que te pedi que viesses, meu bom António.

Frei António

(Espantado) Outra carta, Senhor?

Conde

Um escrito simples e dois olhares que se vigiam silenciosos. Um silêncio funesto que só com a tua ajuda poderei quebrar.

Frei António

E em que posso eu, humilde devoto de São Francisco, ajudar-vos em tão elevada empresa de amor, segundo creio.

(Quietude... um instante de pausa...)

Conde

(Hesitante) Não. Não posso pedir-te tal esmola. Ou pelo menos não deveria. Afinal és um cónego. Foste eleito para defender os sagrados sacramentos. Mas será a luz do amor menos sagrada?

Frei António

(Sarcástico) Da última vez que se enamorou, pediu e perguntou-me a mesma coisa. *(pausa)* Dize, Senhor. Dize. Deixai-vos de vãos rodeios.

Conde

Entre as noviças do Mosteiro de Cós, vive uma moura chamada Oriana. Fazia parte do espólio trazido por meu pai, quando este combateu ao lado de D. Afonso, pai de El-Rei, na batalha do Salado. Oriana não é uma mulher comum. É filha do Sultão Hassan Ali. Tem hábitos de cortesã. Quando caminha é muito serena. Tem um halo mágico, que nem eu mesmo posso descrevê-lo.

Frei António

(Imaginando-a no infinito) Parece-me que estou a vê-la: Moira encantada, tez morena e gestos delicados... Quase bailados.

Conde

Adivinhaste, Frade... Não era difícil: a beleza - falo da mais pura -, é deveras como a lua. Todos a conhecemos e sabemos como brilha.

Frei António

Ó Senhor, vezes há que quase me arrependo do sacerdócio e ponho em dúvida a minha vocação. *(rematando)* Porém, tendes de concordar que existe na tristeza mais beleza do que em muita alegria e carne que anda por aí a rodos.

Conde

(Pensativo) Tristeza!?!... Entendo aquilo que dizes. *(Com um ênfase apaixonado)* Porque é, para além de tudo, a dor dela que me alumia. *(Pausa e descrição)* Lembro-me bem, quando naquela hora tardia, vi-a perto da fonte do mosteiro. A partir desse instante, pareceu-me toda a luz mais serena. E era nos olhos, sim... nos olhos dela que o sol se punha. Tudo em redor era poeira solta pela peleja que a roubou ao mundo. *(Pragmático)* Leva-lhe esta carta. Só em ti posso confiar. Confia tu também em mim, porque agora é paixão séria.

Frei António

Ora quem sou eu, senhor, para trair vossa vontade?

Conde

(triste e convicto) És a razão.

3ª Cena

(Do outro lado da cena.)

1º Homem

(olhando para fora) Por São Cristóvão... Que tropel de gente vem pela estrada fora. Parece um rebanho tresmalhado.

Mulher da taberna

(olhando perto do homem) São crianças e mulherio. Trazem foices e forquilhas. Se não há ceifa nem nada para malhar na eira ao que vem tanto gentio?

3º Homem

Coitado... Está a delirar. Com este braseiro, não admira... Este sol engana muito. Não te preocupes, irmão. “No vinho, a verdade”... já diziam os antigos. Traz mais um pincho para mim, mulher. E outro para ele. O verão secou as fontes. Nós secamos as adegas, qual é o problema?

(Entra uma criança na taberna, pedindo)

1ª Criança (rapaz)

Um dinheiro, senhor, pela santíssima trindade.

2º Homem

Achas que se tivesse vintém, ainda estava solteiro. Onde ides, seus gabirus?

1ª Mulher

A Granada resgatar o que é nosso aos Sarracenos, pois então. Nossos homens foram à batalha da Linuesa e lá ficaram. Cremos por muitos e fiéis relatos que se tornaram cativos dessa gente moura. Vamos resgatá-los, se Deus quiser e se vossemecês ajudarem com a vossa esmola.

2º Homem

(Gozando) Tende cuidado, com essas armas da lavoura ainda acordam o sultão na hora da sesta.

3º Homem

Ide para casa, mulherio. A estas horas os vossos homens já são finados ou a... *(ri-se tanto que não consegue quase falar)*... ou a... a fazer de camelos.

Maria

Se não querem dar a esmola, guardem também o escárnio. Sabem o que vos digo: Que o Céu está cheio de gente com fé como nós *(pausa)* e o inferno, cheio de bêbedos como vós.

1ª Criança (rapaz)

Foi o senhor Deus que nos chamou a todos. **Seguimos o anjo Gabriel.** Estamos protegidos por ele.

3ª Criança

Não temos medo.

2ª Criança

Nem pão. *(A taberneira inicia a distribuição de pão pelas crianças)*

2º Homem

Andas à procura do teu antigo homem? Não preferes um novo?

1ª Mulher

Safa. Tenho o meu e já chega. Muitas vezes, até me sobra... Deus nos juntou, Deus nos há-de separar.

1º Homem

Ides ficar muito tempo em Ourém?

Maria

Aguardamos por um rancho de mulheres de Coimbra. Devem estar por dias ou horas. Algumas de nós ficaram lá no monte de atalaia, pero não sabemos nada delas ainda. Deus há de trazê-las até nós.

2ª Criança

Depois seguimos a caminho de Jantabém.

3ª Criança

Jantabém? (ri-se) A fome está a tomar o castelo do teu pensamento. Santarém. Não é mãe?

1ª Mulher

É sim, filha. Mas se jantássemos bem por lá, não era mau, não senhor.

1º Homem

De Coimbra aqui é um dia de caminho. Se não caírem nas mãos de malfeitores, agradeçam à fortuna e ao senhor conde que traz as estradas muy patrulhadas. Por cuidado do Alcaide, nem uma espinha de burro carregada de alhos secos se salva. É um donzel desalmado. Os mancebos de agora não valem nada. Mesmo nada. *(pausa)*

3º Homem

Olha quem não murcha sou eu. Mais vinho, caramba! Ó querem matar à sede um homem que tanto tem lutado contra o exército dos barris cheios.

(Ouve-se uma voz fora do palco)

Galega

Vén aí muller. O tempo é ouro.

2ª Criança

Vamos, mãe.

1º Criança

(espreitando) Cuidemos de partir. Já não vejo ninguém.

4ª Criança

Ficámos perdidas.

Maria

(Respondendo à Galega) Já vou, castelhana tresmalhada. *(Falando para dentro da taberna)* Agora só me faltava esta judia. A língua dela ablaablaabla *(faz sinal de saída de palavras)*, os bolsos dela...ouro, ouro, ouro *(faz sinal de entrada para os bolsos)* como se não houvesse mais afazeres no mundo.

2ª Criança

Vamos, mãe.

Maria

Calma, meu anjinho. Quem porfia S.Gabriel, nunca se perde. Confia, meu anjo, confia.

1ª Mulher

(Saindo) Confia, pero anda depressa. Porque quem não corre, perde a guerra e o rebanho.

FIM DO 1º ACTO

II ATO

Cenário: Junto ao Mosteiro, algumas árvores altas circundam uma clareira que funciona como recreio para as irmãs noviças. O ambiente é verde e saudável, devido à proximidade do rio.

1ª Cena

Irmã Amiga

Oriana, vinde brincar connosco.

Irmã Consciência

Apressai-vos, criatura de deus, mais um pouco apenas e temos de recolher-nos. É a hora do coro.

(Surge Abadessa e todas param, calam-se e fingem rezar ou ler. Oriana que corria para elas, ao ver a Madre abadessa refreia o ímpeto)

Fátima

Bom dia, Madre.

Madre Abadessa

Bom dia, Oriana. Tens lido os capítulos do Livro de Horas? Não te esqueças que quero a biblioteca do convento arrumada e sem pó. *(pausa)* Estás sempre fresca como uma flor em abril. Nem este calor te seca. Bonita e sensível como uma rosa. Quem me dera ser tu, sendo eu. Já fui como tu... já fui. Agora vivo de memórias, à espera que o senhor me chame para junto dele.

Fátima

Sois gentil demais para mim. *(olhando para outras)* E exagereis, madre. O que vão pensar as noviças?

Madre Abadessa

Pensar? Elas não deviam pensar. Duvido até que o saibam fazer. Deviam era pôr os olhos em ti. Contemplar-te, minha rosa, como obra superior do criador. *(Dirigindo-se para todas de forma severa)* Tomai atenção à hora do coro. Nunca vi noviças assim. Ó senhor, dê-lhes juízo a elas... e a mim, paciência.

(As outras, que não Fátima, ensaiam uns risinhos escondidos. A Madre sai de cena)

Irmã Desejo

Quando não sabe o que dizer, diz sempre a mesma coisa: - “Nunca vi noviças assim”. *(pausa)* Só para a Oriana é que ela sabe ser gentil.

Fátima

Vamos jogar à cabra-cega?
(excitação geral)

Irmã Amiga

(Virando-se para Fátima) Ficas tu à cabra-cega.

Fátima

Ai de mim. Tenho medo das trevas.

Irmã Desejo

Ides gostar. É como caíres num poço. Mas ao contrário. Começas no escuro. Quando agarrares alguém, faz-se luz.

Irmã Consciência

Alguém, não, uma de nós.

Irmã Desejo

De nós? Porquê? Podes apanhar um cavaleiro. Se correres tanto como o seu cavalo.

Irmã Amiga

Quem sabe...

(risos)

Irmã Perversão

Silêncio... *(aponta para o lugar onde saiu a Madre e imita-a)*
(Colocam a venda nos olhos de Fátima e fazem-na rodopiar)

Fátima

Achais que encontrarei mesmo um cavaleiro?

Irmã Desejo

És moura... Todos sabem que as mouras encantam os cavaleiros...

Irmã Perversão

E levam-nos à perdição.

Irmã Consciência

Não lhe dê ouvidos. Segue a luz da virtude, decerto que encontrarás um cavaleiro.

Irmã Desejo

Se te deixares encandear por ela, vais encontrar muitos...

(risos)

Irmã Perversão

Se a luz for d'oiro e prata *(fazendo sinal de dinheiro)*, encontraste o homem certo.

Irmão Desejo

Agarra esse corpo forte e poderoso como o cabo da espada de um cruzado bretão.

Irmã Perversão

E vais sentir os aromas dos óleos de belzebu!

Irmã Amiga

Faz-lhes orelhas moucas... Deixa-as... Encontra alguém que te ame de verdade. Lembra-te que mesmo na penumbra, há sempre uma pequena luz para nos guiar.

(Todas as irmãs dançam e cantam numa roda em volta de Fátima)

Ai de mim! Ai de mim!
Que preciso de um amigo.
Que me faça dama por sua real mercê.

Ai de mim! Ai de mim!
Que preciso de um amigo.
Que me faça senhora de não sei bem de quê.

Ai de ti! Ai de ti!
Tão ledado de mim.
Ai de ti! Ai de ti!
Que não conheço já vossa voz.

Ai de vós! Ai de vós!
Tão ledado de mim
Ai de vós! Ai de vós!
Que não conheço já vossa voz.

(Irmã Perversão pega num regador e começa a regar sobre Fátima)

Fátima

(Alegre) Chove. Juro que senti, irmãs.

(As irmãs riem-se)

Irmã Desejo

Os regatos em breve transbordam e o rio vai devorar a lezíria. Como vão florir os campos na próxima primavera.

Fátima

(Avisa para todas) Acaba o jogo. Vou tirar a venda.

Irmã Consciência

(Preocupada) Não tires! Ficas amaldiçoada para toda a vida.

Irmã Amiga

Velha como um trapo.

Irmã Perversão

Feia como um sapo!

Irmã Desejo

Solteira como um galo sem capoeira.

Fátima

Agradeço o vosso cuidado, irmãs. Descansai... não tiro a venda até encontrar uma de vós.

(Fátima continua a andar para longe delas)

Irmã Consciência

Vês como temos razão. Logo que pensaste em tirá-la, a chuva parou.

Fátima

É verdade. Funciona como um regador. Tal e qual.

(Chamando) Irmãs! Irmãs!

(As irmãs desaparecem com risos e alguma algazarra. Fátima fica só e retira a venda. As luzes apagam-se daquele lado e acendem-se do lado oposto. Esse lado, está mais perto do rio.)

2ª Cena**D. Rodrigo**

Até que enfim, Beatriz. Com tanta seca, quase me desfazíeis em pó.

Beatriz

Só agora pude escapar às garras velhas do meu esposo. (*enojada*)... É um sapo peçonhento. Diz-me que sequei, que não lhe dou mais filhos. Filhos para quê?... Para espalhar ainda mais burrice pelo condado. Se mais filhos tiver, quero que vejam longe como a mãe.

D. Rodrigo

É certo que viestes mais tarde, pero mais bela.

Beatriz

(*mudando de tom*) Por quem sois, meu jovem alcaide. Formoso sois vós... quente como este verão.

D. Rodrigo

Dizeis isso porque não conhecestes o meu pai.

Beatriz

Acho que conheci, sim. Não tinha barba loura?

D. Rodrigo

Não. Esse era o meu avô. Mais belo ainda. Uma barba d'ouro como nunca se viu.

Beatriz

Que linhagem, alcaide, que linhagem!

D. Rodrigo

Muito me quereis, senhora dona Beatriz?

Beatriz

Sabeis que sim, Rodrigo. Pero de que serve o sangue sem terra. De que serve a semente, se não houver um lugar para ela pousar?

D. Rodrigo

Quando falais por mistérios e adivinhações, juro que não vos percebo.

Beatriz

Teimais sempre em não perceber. Os vossos antepassados foram lustrosos cavaleiros do reino da cristandade. Pero menos audazes que o conde D. João Afonso.

D. Rodrigo

O pai dele era trovador. Um homem de letras, segundo reza as crónicas. Apostou no galo errado durante a guerra entre D. Dinis e o príncipe D. Afonso e... e teve de fugir a sete pés, acusado de traição.

Beatriz

Sabeis o que acontece aos traidores?

D. Rodrigo

Caem em desonra, decerto.

Beatriz

Sois mui novo e ingénuo, meu amigo. Os traidores fogem sempre quando devem e regressam logo que podem. Assim o fez este também. Mas quando regressou a Portugal, já os seus pertences tinham avoado para outras mãos.

D. Rodrigo

Pouco a mim me importa as façanhas dele, senhora. Porque insistis sempre nessas histórias antigas? Deixai-me antes pousar a cabeça no vosso regaço. Cantar uma cantiga que fiz para vós.

Beatriz

Sangue podre, faz podre linhagem. Mas este seu filho, o Conde de Ourém, não é tolo de todo. Tirou o feudo a vosso pai, tornando-se ele mesmo dono destas terras. Tirar não tirou. Ele não tinha metade da coragem, *(pausa)* nem o porte do senhor vosso pai. Esta terra que pisais deu-lha D. Pedro, por real mercê. E a vossa família teve de se sujeitar às suas ordens. Pouco vos importa, hem?

D. Rodrigo

De que serviria o meu cuidado? Não vedes que eu sou o Alcaide, ele é o Conde. *(Tirando um papel)* Aqui estão as trovas que vos fiz.

Beatriz

Sabeis o que dizem as vozes do vento?

D. Rodrigo

De quem?

Beatriz

Da canalha.

D. Rodrigo

O que diz essa gente?

Beatriz

Que sois um espectro. Um corpo vazio que vagueia como um círio apagado pelas terras de Ourém.

D. Rodrigo

Sois muito imaginosa! Ides gostar das minhas trovas.

Beatriz

Não inventei nada, juro. Tenho olhos e ouvidos de coruja. Posso ouvir a voz que o vento traz.

D. Rodrigo

Santíssima trindade. (*Mais brando*) Aquietai o espírito... ou calar-vos-ei de outra maneira mais saborosa. (*Fecha os olhos e espeta os lábios, tentando beijá-la*).

Beatriz

(*Não aceita beijá-lo e fica mais agressiva*) Esta é a verdade. Porque não tendes a bravura de admiti-lo?

D. Rodrigo

Calai-vos. Exagerais. Falam de mim, porque me temem, esses bastardos!

Beatriz

Fingem que temem (*Desprezo*) Ufff... Quem cobra impostos? Quem cunha moeda? Quem seca as adegas e as arcas para se divertir? Quem arrenda as terras e as cobra sem misericórdia? Sois vós? Não me parece.

D. Rodrigo

Calai-vos, peço-vos amiga. Consertámos hoje fazer coisas mais engraçadas que política.

Beatriz

O povo confunde sempre amor e temor. Eles amam quando temem. De vós, não têm medo... De vós riem como se faz de um bobo.

D. Rodrigo

(*Arreliado*) Um bobo?... Irra!

Beatriz

Não é a mim, vossa fiel conselheira, que deveis calar. Se desejais paz, calai a vossa consciência.

D. Rodrigo

Chamais-me cobarde?

Beatriz

Não tanto assim, meu donzel. Quero apenas acertar convosco uma estratégia invencível.

D. Rodrigo

Não... Não posso perjurar ante o Conde. Eu jurei-lhe obediência.

Beatriz

(*Com desprezo*) É por isso que a plebe vos chama “o galito”.

D. Rodrigo

Galito, a mim?!

Beatriz

E vós pareceis que acreditais, não é? Acreditais na canalha? Olhai os meus olhos. (*Começa sussurrante e penetrante*) Sois uma águia. Conheço bem a vossa raça. Deus nosso senhor tem grandes planos para vós. (*D. Rodrigo escuta embevecido*) Fostes ungido pelos santíssimos óleos do Santo Graal. Galaaz e Persival perto de vós são ervinhas que se pisam sem se dar por isso.

D. Rodrigo

Que posso eu sem peões, sem arqueiros... sem cavalaria?

Beatriz

Não estais sozinho nesta jornada. D. Fradique, irmão e inimigo do rei de Castela sabe da injustiça a que fostes sujeito.

D. Rodrigo

Sabe?

Beatriz

E da vossa raiva também, Senhor.

D. Rodrigo

(*Incrédulo*) Da minha raiva? Ele sabe da minha raiva?

(*Tira a espada, ergue-a e sussurra*) Ele sabe...?

Beatriz

El-rei de Portugal e o de Castela são aliados. Por ai não há nada a fazer. Nunca mais tereis os domínios que vos pertenciam, se não jurardes fidelidade a D. Fradique, inimigo do Rei de Castela.

D. Rodrigo

Mas senhora... (*hesitante*)

Beatriz

Dai-me a vossa espada, primeiro. Dar-vos-ei depois o meu colo, (*pausa*) a minha alcova quiçá, amigo. Pero tendes de ser um ganhador, um ilustre ganhador.

(*D. Rodrigo dá-lhe a espada e ajoelha-se. Beatriz marca-o nos ombros e na cabeça, armando-o cavaleiro da sua causa.*) (*Entretanto ouvem-se trompas e latidos de cães.*)

Beatriz

É o meu esposo. D. Álvaro. Não sabia que ele andava em caçadas e folgedos por estes pinhais.

D. Rodrigo

É melhor partirdes. Ninguém deve saber que estamos aqui.

Beatriz

Adeus (*olha para ele com o olhar radioso*) minha águia-real.

D. Rodrigo

Adeus, senhora. Falamos mais tarde.

Beatriz

Aqui mesmo outra vez... antes de bater as trindades.

D. Rodrigo

Aguardarei a vossa chegada.

Beatriz

Até lá lembrai-vos sempre quem sois. O verdadeiro senhor destas terras. Deus está convosco. Ele só reconhece os grandes homens.

3ª Cena

(D. Rodrigo avança na clareira no sentido de Fátima, fugindo para a direção oposta à caçada de Dom Álvaro. Fátima coloca a venda nos olhos, fingindo procurar as companheiras de recreio.)

Fátima

Irmãs? *(Ouvindo os passos de D. Rodrigo, assusta-se)* Sois vós, Irmã?

D. Rodrigo

Irmã! Não serei de modo algum.

Fátima

Quem sois?

D. Rodrigo

Por quem sou? Já não sei.. se sou por Portugal... se por Castela.

Fátima

Um mercenário? *(Amedrontada)* Tende dó de mim?

D. Rodrigo

Não temais, donzela. Estais em boas mãos. É certo que sou por el-rei de Portugal que depositou em mim a guarda do Castelo de Ourém e tudo mais.

Fátima

Sois o senhor Alcaide do Castelo de Ourém? No mosteiro, já ouvi falar em vós. Pouco ou nada sabemos sobre o que se passa para além dos muros do Mosteiro. É como se vivêssemos num buraco escuro. Os nossos olhos não vêm mais do que sombras. (*Ajustando*) Refletidas pela luz divina, se para tal nos valer essa virtude. A irmã-porteira diz que sois um homem bonito.

D. Rodrigo

Muito segundo dizem. Conheceste o senhor meu pai?

Fátima

O que dizeis?

D. Rodrigo

Esquecei. E vós? O que fazeis aqui perdida de olhos vedados?

Fátima

Jogo à cabra-cega com as noviças.

D. Rodrigo

Devo de estar tão cego como vós. Imaginai que não enxergo sequer vossas irmãs. (*Faz sinal que ela está louca*)

(*Fátima ri-se.*)

Fátima

Jurei apanhá-las. Não posso jurar falso.

D. Rodrigo

E vós jovem senhora, já sei que viveis no mosteiro. Sois Irmã?

Fátima

Sou e não sou.

D. Rodrigo

Isso não é resposta.

Fátima

Há dias em que sim, outros parece que não.

D. Rodrigo

Como um camaleão?

Fátima

Como uma andorinha que viajou das terras de Alá para as hortas do Redentor. Estou recolhida no Mosteiro até que el-rei ou a corte decida a minha sorte. Sou espólio de guerra como uma praça-forte ou uma parelha de cavalos.

D. Rodrigo

(Mirando-a) Para uma andorinha que se transformou em espólio de guerra, não sois nada feia.

Fátima

E vós nada reservado.

D. Rodrigo

Porque não tirais a venda?

Fátima

Teria mil anos de azar... Jamais teria um noivo para casar.

D. Rodrigo

Sois mui tola. Que criancice, meu deus.

Fátima

É o que dizem. E dizem mais. Diz o povo que não chove porque andam por ai almas viciadas. E o pecado emprenhou a terra.

D. Rodrigo

Se o pecado fosse a causa do calor, o mundo já tinha ardido há muito. Agora vós... Assim às cegas, ainda tropeçais. Deixais o vosso corpo cheio de nódoas negras. E sabeis que mais? Isso sim. Seria magia negra.

Fátima

(Jocosa) Concordo convosco, cavaleiro.

D. Rodrigo

Porque me chamais de cavaleiro? Por acaso cheiro a cavalo? *(desconfiado e vaidoso)*

Fátima

Não. Gosto de histórias de cavaleiros andantes. Fazem-me sonhar com aventuras. Como nos tempos de Lancelote e dos outros cavaleiros do Rei Artur.

D. Rodrigo

Vou tirar-vos a venda.

Fátima

Não... Não... Peço que não o façais... Deixai-me cheirar mais um pouco. Sentir na pele... ouvir apenas *(agora finge-se feliz, como quem descobre algo de novo)*... É divertido, acredita... Faz-nos sentir coisas diferentes... *(mas entristece, como quem regressa a ela)* Quero esquecer que vejo.

D. Rodrigo

Porquê? Que vistes assim de tão mau?

Fátima

Entre as doze esposas de meu pai e os trinta e sete filhos que ele tinha, eu era a filha favorita. Levava-me sempre consigo para todo o lado. Dizia que eu lhe dava sorte. Mas naquele dia, não vi sorte nenhuma. Apenas o meu pai e os soldados a fugir. A batalha do Salado perdida. Os mortos espalhados no chão. Os corvos comendo-lhes os olhos. A água do rio vermelha. Eu, prisioneira... *(Pausa)* Nem sequer te vi ainda, não sei porque te conto tudo isto... Os meus segredos... Deve ser uma magia qualquer.

(D. Rodrigo atira uma pedra para o lugar oposto e Fátima dirige-se no sentido da pedra e oposto a D. Rodrigo.)

D. Rodrigo

(Falando só) Porque estou gelado se morro de calor? Porque me sinto livre *(Olha para ela)* quando olho a masmorra... oh meu deus que delírio como um trovador doido. *(Como quem se tenta distrair dele próprio)* Como te chamas, donzela?

Fátima

(Ouvindo o som, vira-se) Fátima, como a filha do profeta. Depois fui batizada com graça de Oriana. Prefiro que me chames Fátima. E vós? Como sois?

D. Rodrigo

Mistério. Tens de adivinhar, Fátima. *(Deixa-se apanhar)*.

Fátima

(Apalpando-o) És alto... barbudo... Pareces o meu pai... o sultão...

D. Rodrigo

Que dizes, Fátima? Sou cristão... Não sou mouro.

Fátima

Para mim, só há um deus. Ele é o mundo inteiro.

D. Rodrigo

O que dizes? Que devemos renegar nossa fé?

Fátima

Tudo muda... o vento... depois as velas dos moinhos... mudam as marés que trazem já novos peixes... Somos servos da mudança. Só Deus nunca muda, porque tudo contém.

D. Rodrigo

Sabes muita filosofia?

Fátima

Sei onde a Madre guarda os livros. Apenas isso.

D. Rodrigo

És letrada... Guardas um segredo? Em breve serei o senhor de todas estas terras que agora não vedes e mesmo que visses não poderiam teus olhos alcançar o fim. Que me dizes? (*muda de tom*) Não sou nenhum usurpador... hã?... Não sou desses... Estas terras eram todas minhas... Pertenciam ao senhor meu pai... (*Segredando*) Mas o Conde de Ourém é primo de El-Rei... Percebes do que falo?

Fátima

Falas de terra. Prefiro falar do céu.

D. Rodrigo

Falo da terra e do céu. Vêm do céu, as vozes que me pedem justiça. É a voz do meu pai sussurrando-me aos ouvidos: “As nossas terras, Rodrigo? Já recuperaste a nossa glória?” (*Pausa*) Agora com ajuda desta senhora (*Agarra a espada, sorridente*) e a outra... (*Disfarçando*) a que nos guia no céu... Isto tudo será meu outra vez.

Fátima

Rodrigo. Chamas-te Rodrigo?

D. Rodrigo

Sim. D. Rodrigo. (*Sonhador*) Futuro senhor destas campinas... Nobre mui querido nas cortes de Portugal e Castela... Negociador de tratados... Embaixador em Roma...

Fátima

(*Alto*) Rodrigo! (*Fazendo-o regressar à realidade*) O passado fez minguar os teus pertences. E queres agora que esses fantasmas minguem o teu futuro? (*pausa*) Não conheço a vossa traça. Mas custará muitas vidas, decerto. A vossa quiçá... Esquecei as terras... Poupai a vida... as vidas. Vós, os homens novos, não conheceis a guerra... Por isso, desejam-na como uma novidade... como uma mulher disposta a dar-vos ação e prazer. Eu já vi essa mulher, Rodrigo, e preferia mil vezes não a ter visto. Parece uma ceifeira infernal.

(*Um silêncio longo e perturbador é interrompido pelos sinos*)

D. Rodrigo

Tocam trindades... (*olhando o astro*) Escureceu... e já se vê a lua.

Fátima

Para mim, já escureceu há muito.

D. Rodrigo

Posso ser os teus olhos?

Fátima

Só se eu poder ser também os teus... (*Tira a venda e olha-o finalmente*) Somos diferentes, na tez, no pensar, no rezar.

D. Rodrigo

Cala-te... nus... à luz da lua, seremos iguais.

Fátima

Claro que seremos.

D. Rodrigo

(Segredando e olhando o céu) Perdoai-me, senhor meu pai. Esquecei as terras que estão bem entregues. Havíeis de vê-las como estavam verdes antes da seca. *(Muda de tom, suplicando)* Nas próximas horas, não me faleis ao ouvido, por favor. Não me interrompeis. *(Beijam-se de seguida)*

4ª Cena

(Do outro lado da clareira (palco) surgem agora a Abadessa e as quatro irmãs.)

Madre Abadessa

Não... Não deviam tê-la deixado só... Que imprudência. Ides ser castigadas. Sois as noviças mais descuidadas que eu já conheci. Lá porque entrastes no convento, já pensais que alcançastes o paraíso? Estais mui enganadas, irmãs. Antes do céu, tendes de experimentar a cruz. A redenção! A redenção é que nos salva.

Irmã Amiga

Madre... ela desapareceu como uma ceguinha. Nós bem a chamávamos. Mas ela seguia muda e queda, como se visse uma luzinha lá longe.

Irmã Consciência

Era a hora do coro. Temos os nossos votos. Não podíamos sair sem a vossa permissão.

Irmã Perversão

As sarracenas têm todas, o cio assanhado, virgem maria as salve de tanto apetite. Deve ter seguido algum rasto de Satanás e catapus... caiu... mesmo. *(Baixinho)* Pudera eu.

Irmã Desejo

Com este calor não admira que as princesas mouras se evaporem nos braços de algum cristão.

(No outro lado do palco, Fátima faz sinal a D. Rodrigo para partir e começa a colocar de novo a venda nos olhos)

Madre Abadessa

Em tonteiras e outras vozerias, vossas línguas são férteis. Procurem Oriana e depressa. São razões do reino, não são minhas, nem vossas. E cousas de el-rei D. Pedro nunca são cousas vãs.

Irmã Perversão

Ainda que às vezes pareçam. Não fez ele desenterrar uma morta e coroá-la rainha? Rainha de Portugal... um cadáver cheio de larvas.

Irmã Desejo

Foi por amor... e o amor, irmã, é eterno. Está para além de tudo, mesmo da morte. Até ao fim do mundo.

Irmã Amiga

Por amor a uns e ódio a outros, obrigou a corte a fazer-lhe um beija-mão real... ao cadáver de Inês de Castro.

Irmã Perversão

Beija ossos, Deus nosso senhor lhe perdoe (*persignando-se*).

Madre Abadessa

E que vos perdoe também tanto linguarejar. Não quero ouvir conjuras pérfidas contra el-rei. (*Em voz baixa*) Tomai cuidado que El-Rei para agradar ao povo é capaz de açoitar um bispo ou espetar a espada num valido, quando mui bem lhe aprouver. E quanto a mancebias entre gente nobre, nem um rumor quer ouvir sequer. Dizem que faz justiça pelas próprias mãos.

(*Ordenante*) Agora deixai-vos de fantasias. Ide procurar o que perdestes. El-Rei tem planos para Oriana. Era o que dizia a carta que o seu arauto me entregou esta manhã antes de seguir para o castelo de Ourém. Encontrai-a depressa. El-Rei não deve tardar para a levar. Se a perdermos, nem quero imaginar a sua ira. Deus nos valha.

Irmão Amiga

Levá-la para onde?

Madre Abadessa

De volta para o reino de Granada. Será trocada por outros nobres prisioneiros.

Irmã Perversão

(*Chamando com muita pressa e ansiedade*) Oriana? Oriana?

Fátima

Aqui, irmã. Onde vos metestes?

Irmã Amiga

Ainda tendes a máscara? Ó Nossa Senhora te valha.

Irmã Perversão

(Falando para a Irmã Consciência) Que estupidas estas mouras. Não admira que os filhos delas vão perdendo o reino para a cristandade.

Fátima

Prometi e cumpri. Olhos vendados até ao fim.

Irmã Perversão

Sim, Oriana, Vós pareceis alheada de toda a luz. Por fora e por dentro.

Irmã Desejo

Não tereis por boa ventura esbarrado com um cavaleiro andante? Tens um cheiro estranho. Quente.

Madre Abadessa

Selai essas bocas pecadoras ou fecho-vos uma semana em vossas celas. *(Para Oriana)*
Procurámos-te por toda a parte!

Fátima

Perdi-me, Madre.

Madre Abadessa

Ias deitando tudo a perder.

Fátima

Nada temais, Madre. Estive sempre segura. Fez-me bem esta penitência de caminhar, caminhar sem luz. Olhando apenas para dentro de mim. Cada vez mais tenho a certeza que Deus afinal está dentro de nós... e ama-nos.

Madre Abadessa

Jamais alguém poderá aferir a dimensão desse amor. Altos e insondáveis são os desígnios de Deus. Muito menos para nós, suas humildes noivas e servas.

Fátima

De que desígnios falais, Madre?

Madre Abadessa

Dos destinos para que o Senhor nos encaminha. Da mulher que morre ao parir ou da felicidade de ver os netos a casar. Enfim... o calvário dos mortais a caminho do jardim *(Olha para o céu)*. Deus, nosso senhor, também guardou uma missão para ti.

Fátima

Qual missão?

Madre Abadessa

Chegou esta manhã um mensageiro ao convento.

Fátima

Um mensageiro de Deus, madre?

Madre Abadessa

Quase. Ordens de El-Rei. El-Rei de Portugal faz cumprir o teu destino. Terás de partir. (*pausa*) Serás entregue ao teu povo por troca de cavaleiros portugueses feitos prisioneiros no Al-Andaluz.

Fátima

Partir, Madre? Como assim? (*Assustada*) E se eu recusar? (*Pausa*) Podias mandar a irmã Isabel. Eles não conhecem nenhuma de nós. Para eles, as noviças são todas iguais.

Madre Abadessa

Como deves saber, este não é o lugar do desejo. Nem é esse, o teu papel. A vontade de el-rei e das cortes é soberana. Já foi tudo concertado com o sultão, teu irmão pelo que soube. (*Oriana entristece e chora.*) Não fiques assim. Não vale de nada, princesa. Entre o teu povo serás quiçá Rainha.

Fátima

Eu queria apenas ser amada, Madre. Não quero ser temida. Apenas amada.

FIM DO 2º ATO

III ATO

1ª Cena

Cenário: *Terreiro do Castelo de Ourém, Casa do Senhor Conde D. João Afonso. Uma porta grande, alguns escanos e um cão.*

1º Pajem

(Entra aos berros) Acorda Bezerro do mato! Acorda e depressa! O sol já corre pelos valados abaixo. E tu, rei dos borregos indolentes, cochilando sem tréguas.

2º Pajem

(Estremunhado e lacónico) Não posso acordar...

1º Pajem

Ora essa. E por que não, bezerro? Foliaste até tarde, porventura? Tu que bailas tão bem como um pato marreco... *(Irónico)* Dizei-me vossa senhoria porque não pode vossa mercê acordar?

2º Pajem

(Explica) Se já me acordaste com tanta vozeria, *(Rindo-se)* como posso acordar outra vez.

1º Pajem

Então levanta-te... Rápido... Por que esperas? *(ameaçando-o com o punho cerrado)* Preferes encomendar a tua alma ao criador?

2º Pajem

Agora mesmo que queira, não sou capaz. Tenho medo. Prefiro sonhar com as nádegas desnudas do senhor abade *(Fingindo risonhar)*.

1º Pajem

(Rindo-se) Cos diabos! És mesmo um bezerro safado...Um destes dias, falarei ao Senhor Conde dos teus grandes desempenhos de bobo. Decerto, oferecer-te-á a El-Rei. E El-Rei far-te-á descrever todos os sonhos que tiveres com as nádegas do clero... para seu júbilo, é claro. *(Irónico)* Tal o carinho que o enleva por esse rebanho de barrigudos.

2º Pajem

Eles, barrigudos de fartança, e elas, com barrigas de esperanças, dão à luz fradinhos bochechudos e carecas.

1º Pajem

(Rindo) Chiuuuuuuuuu... cala-te que ainda nos escutam... *(falando mais baixo)* E D. Pedro, aclamado pelo povo de pai e de justiceiro, quando chegar o dia do santo batismo dos pequenos clérigos, açoita o Bispo e escarnece diante de todo o convento a devassa Madre. E aí do pescoço de quem se oponha.

2º Pajem

Não há piça de adúltero, nem mão de ladrão ou língua de difamação que lhe resista...

1º Pajem

(Fazendo o gesto de quem corta com um machado) Corta, carrasco... *(Benzendo-se e olhando para entre as pernas)* Ámen.

2º Pajem

Depois, despojados, os eunucos parecem porcos de engorda.

1º Pajem

Os ladrões continuam a roubar com os pés e com os dentes...

2º Pajem

Até que lhos decepem também.

1º Pajem

E os difamadores que ficaram sem língua? *(pensativo)*

2º Pajem

(Rápido) Esses até falam pelos cotovelos!

(Riem-se ambos até serem interrompidos por alguém que bate com força na porta)

2ª Cena**2º Pajem**

(Murmurando para o outro pajem) Quem será que se lembrou de bater-nos à porta tão cedo. Ainda mal nasceu o sol e já vêm incomodar. Arre!

1º Pajem

(Gritando para a porta) Quem sois vós, ó madrugador?

Cavaleiro

Um Cavaleiro de El-Rei *(Bate de novo à porta)*.

1º Pajem

(Gozando) Ah!... Sim?... Sois um cavaleiro de El-Rei? E eu sou o ginete branco de S. Jorge.

2º Pajem

Não damos esmolas. Podeis apartar-vos. Por Deus vos peço: Deixai descansar quem é de bem...

1º Pajem

Porventura, és um desses malfeitores que cegam e maltratam as crianças, para que tais feridas e mazelas valham a nossa misericórdia?

2º Pajem

(Acrecentando) E a nossa esmola?

Cavaleiro

Quereis abrir a portada ou arrepender-vos-eis. Tendes de apressar-vos. El-Rei vem aí e não tarda. *(Depois de uma pausa bate de novo)* Abri.

2º Pajem

(Hesitante) Abro?

1º Pajem

Abre. Abre tu que és mais moço.

(O 2º Pajem abre o portão, enquanto o 1º Pajem aguarda de mãos à cinta)

1º Pajem

(Ao ver o Cavaleiro entrando, coloca uma voz subserviente) Bons ventos vos tragam até nós, Cavaleiro. Desculpai-nos a desconfiança. Mas com tanta ralé pedinchona que anda por este reino, razões, e muitas, tínhamos para suspeitar.

Cavaleiro

Não importa. Dizei ao vosso senhor que me receba e com urgência. Trago-lhe um recado de El-Rei.

1º Pajem

Rápido, rapaz! Por que esperas tanto. Vai avisar o senhor Conde.

(O 2º Pajem corre para fora de cena e o outro pajem acerca-se do cavaleiro).

1º Pajem

Faláveis da vinda de El-Rei, meu senhor, a esta nobre casa...

Cavaleiro

Sim, na boa da verdade, já deve estar perto. A quatro ou cinco léguas de caminho, não mais. Andámos a montar por densos matos e florestas faz alguns dias. Agora vimos usufruir da guarida e da boa mercê do Senhor Conde. *(Pausa e pergunta)* Vai demorar muito?

1º Pajem

Não vos apoquenteis. Este rapaz é lerdo mas mui ligeiro. Quanto ao Senhor Conde, por certo, também o será, quanto tomar conhecimento da situação.

(Uma pausa incomodativa embaraça os interlocutores).

3ª Cena

(Entra, em cena, apressadamente, D. João Afonso e o 2º Pajem, logo a atrás, indicando o Cavaleiro)

2º Pajem

Ei-lo, meu Senhor. O cavaleiro que pede a vossa presença.

Cavaleiro

(Fazendo uma vénia) Gonçalo Pereira, cavaleiro e vassalo de El-Rei. Foi ele mesmo que me entregou a façanha de vos avisar da sua futura estadia nesta casa. Adiantei-me à sua chegada para que pudésseis preparar-vos melhor para o receber.

Conde

El Rei vem a minha casa! É o que dizeis! E chega dentro em breve! Quem o acompanha?

Cavaleiro

Vem junto uma longa comitiva: cortesãos, escudeiros e muitos moços atrelando cães e carregando mantimentos e falcões. Também Afonso Madeira vem. Era ele o mais hábil cantador, guerreiro e acrobata de toda a corte. Quer-lhe muito el-Rei. Leva-o como confidente para todo o lado... seja sarau, montaria ou peleja. Sabeis de quem se trata?

Conde

Julgo que sim... Não foi esse que ele mandou capar por ter roçado com mulher casada?

Cavaleiro

Esse mesmo. O nosso rei anda agitado, imoderado. Ora sai bailando com o povo em arraial e manda assar bois inteiros para matar a fome dessa mísera gente, ora esvai-se em nostalgias que desaguam em sanhas tenebrosas e vingativas. Quando está furioso nem uma palavra se lhe entende, tal é a gaguez que lhe amordaça a língua. Anda desta maneira desde que lhe mataram a sua Inês... Inês de Castro, a aia castelhana de D. Constança, sua falecida esposa. Viveu com ela um romance tão forte que nem mil trovadores poderão descrever aquele enlace. Conheceis a estória, decerto?

Conde

(Pensativo) Conheço melhor do que julgais, cavaleiro. Sofro de um amor igual a esse. *(De súbito, modo de tom. Põe-se a gritar com os pajens)* Agora, ouvi-me bem, sacos inertes e preguiçosos: Tragam para aqui a maior mesa que encontrarem e encham-na de ricas viandas e vinho. Acendam a fogueira. Avisem e apressem na cozinha. Rápido! Há mais que muito ainda para fazer. El-rei pode chegar a qualquer hora e deve vir faminto. *(Os pajens saem de cena correndo)*. Não quero que se boqueje pela corte que há fome em casa do Conde D. João Afonso. *(Questionando o Cavaleiro)* Que dia é hoje, Gonçalo Pereira?

Cavaleiro

(Conta pelos dedos) Salvo erro, sexta-feira, senhor.

Conde

(Delirante, afasta-se das restantes personagens) Sexta-feira!? Abençoado seja quem está no céu escutando os meus rogos e preces. Sexta-Feira! Viva D. Pedro, rei de Portugal, senhor deste mundo e do outro que se estende, imenso, para além do azul nimbado que nos cobre. *(Chegam os pajens carregando a mesa)* Ponham-na aqui. Ordenai na cozinha que sejam breves ou terei de apressar essa gente com o azorrague? *(Os pajens saem e entram, trazendo utensílios e géneros para apetrechar a mesa)*. *(Pausa e continuação do solilóquio)* Então, queriam-me atolado em desgraça, aqueles dois diabos. Até tenho já misericórdia deles! Ingénuos, esqueceram-se que também eu tinha a minha traça. Quero vê-los agora nuzinhos diante do purgatório em brasa. *(gritando)* O juízo final!

Cavaleiro

Que dizeis Conde? Sentis-vos bem, Senhor?

Conde

(mais baixo) A vida é um círculo. Jamais fugiremos ao espectro dos nossos atos. Não podemos aliviar o retorno. E se o castigo não surgir neste mundo, surgirá no outro, no reino de Deus ou de Belzebu. Quem semeia ventos, colhe tempestades. Quem semeia a guerra, colhe a morte...

Cavaleiro

Desculpai-me Senhor Conde... Não consigo entender-vos?

Conde

Descansai, não estou louco! Talvez em breve, muito em breve, poder-me-eis entender!

1º Pajem

(Entra correndo e gritando sem fôlego) Ai meu senhor... Vêm aí. Já se ouve o tropel. Vêm El-rei na frente de gibão e saio preto. Logo junto a ele, alguns nobres caçadores e monteiros com roupas de rei, também. Na retaguarda, matilham cinco ou seis dúzias de lebréus, sabujos e alãos seguros por trelas de couro grosso. Quanto aos moços de besta, criados e falcoeiros... esses... meu senhor... nem têm conta.

Conde

(Dirigindo-se ao pajem) Vai recebê-los. Depois de desarream as mulas, cuida de levar os senhores às suas camas na ala nascente. Põe os outros nas cavaliças, que não há nada de mais tenro que um molhe de feno. Providenciai-lhes de beber. Devem de estar secos como pó. Traz depois El-rei a este lugar. Tenho muito para lhe relatar. *(Segredando)* Atenção: Quanto menos forem aqueles que o acompanharem até aqui, melhor! Ouviste? *(Irónico)* Então, Avante por Sant'iago, que vêm aí os mouros e estes, meu donzel tartalhufo, são daqueles graúdos.

Cavaleiro

(Entusiasmado) Foi exatamente assim que bradámos quando lançámos a carga final em terras de Castela, junto ao Rio Salado.

Conde

Gritastes e gritastes bem que eles fugiram todos. *(Falando para si)* Só espero que estes não fujam.

4ª Cena

(D. Pedro entra de rompante pela sala, sem dar tempo sequer para os cumprimentos protocolares)

Rei

(Irritado) Arre, Conde! Como andam escassas de caça as vossas terras. Virámos os montes do avesso. Batemos todas as tocas e as grandes matas que orlam o castelo, e não matámos mais que meia dúzia de lebres. *(Irónico)* Guardastes por acaso os bichos com receio que eu os tolhesse a todos. Se foi isso, iludiste-te quanto ao valor deste faminto monteiro que te pede agora hospitalidade.

Conde

Guardai em vós a modéstia meu Senhor. Todos sabem que, no reino inteiro, não haverá caçador com o instinto de vossa mercê. As vossas montarias já são lendas de Portugal...

Rei

Acusaste-me de modéstia e eu julgo-te agora lisonjeador. Diz-me a verdade: Porque rareiam os veados e os alegrãos?

Conde

Não sentireis o calor, Senhor? Ninguém aguenta, nem mesmo os animais selvagens. Rezamos novenas; Saímos em procissões; Penitenciamos-nos em mil atos de fé e de contrição, e nada. Nada expurga esta terra que já se assemelha aos terraços do inferno. As gentes, os humildes, o povo acredita que é feitiçaria ou mesmo castigo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na boa da verdade, sente-se qualquer odor estranho na brisa... Há um rumor à solta, pelos vales, murmurando-nos ao ouvido palavras num latim que ninguém entende...

Rei

O degredo está a aniquilar-te o pensamento, não há dúvida...

Conde

Se dizeis que sim, acredito Senhor... Afinal é dever de um vassalo obedecer ao seu senhor. Porém, vejo que não estais ao corrente do grande mal que assola esta província.

Rei

E que mal é esse? O que torna a tua voz tão soturna?

Conde

Um pecado mortal que paira sob nós todos, como uma nuvem negra que dissipa a luz divina. Um pecado carnal como já deveis ter entendido. É com grande angústia que vos delato tal crime asqueroso, mas sou tentado a expiar para sempre este mal-estar que vem das entranhas sabe-se lá donde. O alcaide...

Rei

(Intrigado) Falas de D. Rodrigo, teu sobrinho?!

Conde

Esse mesmo. Imaginai Senhor que o jovem foi tentado pelo demónio e pelos chamamentos de D. Beatriz, esposa de D. Álvaro e mãe de um rol de crianças. Têm-se entregue a uma concubinação desalmada. Soube desta aberração pela boca do povo. Não se fala de outra cousa. E, disse-me vós - que como eu rogais pela pureza das terras lusas-, se poderemos nós julgar e condenar os atos da plebe, quando a nobreza dá o mote a esta praga de heresias e mancebias?

Rei

Ora, ora, D. João Afonso... fosse eu ajustar os crimes que essa gente inventa, e teria de decapitar o reino inteiro, incluindo eu próprio. O lavrador acusa o judeu, que por sua vez acusa a mulher e a mulher por último, se preciso for, acaba por confessar que toda a trama foi mister do lavrador. Para incriminar alguém precisa-se de provas, e essas não podem ser rumores e conspirações aparentes, entendes?

Conde

Meu Senhor, julgais-me doido ou truão? Também eu não queria acreditar. Depois de escutar a tal conversa entre as gentes do mercado, pesei os ditos e cri mesmo que caluniavam. Para afastar aqueles propósitos tão míseros, levei os meus próprios olhos ao lugar onde, segundo se constava, se encontravam, todas as sextas-feiras, os dois amantes. *(Surpreendido)* Qual não foi o meu desolo quando confirmei a fraqueza de meu sobrinho. Nadavam nus - nuzinhos! - pelo leito de um rio que banha a veiga do Mosteiro de Cós, entregando-se a prolongados enlances de luxúria. E

segundo dizem, não é apenas a luxúria que os une. São estas terras também. *(Em segredo)* Castelhanos da nossa causa, avisaram-me que D. Fradique, irmão e rival do rei de Castela, procura alianças entre a gente portuguesa. Esta gente tem grande ambição. Primeiro aqui. Depois além. No final, terão o vosso reino, senhor.

Rei

Temei por vós, conde. Por que se não falaste a boa verdade, cairá sobre vós o espectro da mentira. *(Chama D. Afonso)* Afonso! *(Ninguém responde)* Onde estás Afonso? Ficaste mouco?

Afonso Madeira

(Gritando ainda fora da sala) Estou indo, Senhor. *(entra)* Sim, meu senhor. Em que devo servir-vos?

Rei

Ide até junto daquele rio que debrua o Mosteiro de Cós, perto de Alcobaça. Revista todos os recantos, praias e arbustos de montante a jusante. Se por lá encontrares duas almas penadas e depenadas se banhando, trazei-as sem demora. Entendes o que te peço?

Afonso Madeira

Assim o farei, meu senhor. Falais daquele rio que se atravessa, quando se vem do norte?

Conde

Desse mesmo. Ide depressa antes que as presas se nos escapem por entre os dedos. Devem estar muito húmidas... *(Sorrindo para o Rei)*

Rei

Levai outros homens contigo, Afonso. Não há bicho mais feroz, do que um touro ferido, e a mais, pelo seu rei.

Afonso Madeira

Assim o farei, senhor. Com vossa licença. *(Curva-se)*

Rei

Esperai, Afonso. Vou convosco. Mandai ajeizar meu alazão. Não há caça miúda. Que me importa. Caça-se da grossa. Não é assim, meu primo?

Conde

Para bem do reino e da cristandade, meu senhor.

(D. Afonso Madeira, o cavaleiro e D. Pedro, saem e cruzam-se com Frei António que vem entrando e faz-lhes uma vénia)

5ª Cena

Conde

Ainda bem que vieste.

Frei António

Que alvoroço, o vosso paço! Para aqui chegar, fui perseguido por dois cães com feições de dragão, que me acharam parecido com São Jorge. Nunca vi tanta gente junta, nem na peregrinação dos Círios. É um casamento real?

Conde

Casamento? Qual casamento, frade. Dois funerais e sem honra nenhuma.

Frei António

Funerais? Não entendo?

Conde

Contei-te outrora que D. Beatriz e o Alcaide se encontravam todas as sextas-feiras perto de rio do Mosteiro de Cós para suas mancebias. Lembras-te ainda? Dizem até que nadam nus no rio. Imagina nuzinhos? (*ri-se*)

Frei António

Não entendo o vosso entusiasmo, Conde.

Conde

Não entendes? Contei a el-rei a história pecadora daqueles dois. Do despudor, da conspiração. Contei tudo, frade. Deus nosso senhor, ouviu-me. Sabes que dia é hoje? Sexta-feira. O dia em que eles se encontram no rio, percebes? El-rei anda sedento de caça. Hoje vai tê-la e da grossa.

Frei António

El-rei vai a caminho do rio?

Conde

Em louca cavalgada.

Frei António

Mas senhor... Quem está hoje no rio com o Alcaide, não deve ser D. Beatriz. O Alcaide anda morto de amores pela princesa moura do Mosteiro. Vinha trazer-vos essa notícia, agora, mesmo...

Conde

Aquela de quem te falei e pedi para entregares uma carta há dias?

Frei António

Essa mesmo.

Conde

Não posso crer.

Frei António

Acreditai. Quando fui entregar-lhe a vossa carta ao Mosteiro, encontrei-a fora da cerca. Estranhei e segui-a sem que ela me visse. Encontrou-se com o Alcaide perto do rio. Não deixei que me vissem e fiquei à escuta. Percebi então que se queriam muito um ao outro.

Conde

Quem esse Alcaide se julga? Primeiro as terras. Agora a moura. Raios o partam.

Frei António

E se bem me lembro combinaram encontrar-se hoje na beira do rio... do rio que corre junto ao Mosteiro.

Conde

Não acredito. Não acredito. Tens mesmo a certeza?

Frei António

Juro que sim, Conde. Não juraria falso em cousa tão séria como esta.

Conde

Temos de resgatá-la. Ide depressa, Frade. El-rei e os cavaleiros saíram mesmo agora daqui. Pela descrição que lhe dei, El-Rei vai confundi-los por certo. E pelo que sei, não me parece que el-Rei se preste a grandes julgamentos. Anda sedento de justiça... Julga e condena, como quem caça... não faz distinção entre culpado e corça... atira a matar... Vai.. Vai... Diz-lhe... Enxota-a dali . Faz qualquer coisa antes que ele a cace. *(Gritando para fora)* Rapaz... Onde paras?

2º Pajem

Chamais-me senho r?

Conde

Prepara o russo para o Frei António. Depressa, ouviste? Não é para agora. É para já! *(Virando-se para o Frade)* Frade, levas o meu cavalo mais veloz. Não pares pelo caminho.

(Frade sai ligeiro com o pajem)

Conde

(Sozinho) O que é que eu fui fazer?... Oriana...

FIM DO III ATO

IV ATO

Cenário: *Pinhal com alguma penumbra provocada pelas sombras das árvores e o pôr-do-sol.*

1ª Cena

Fátima

(Fátima entra, cantando)

“Ay eu sem ninguém
Como vivo en gran cuidado
por meu amigo
Que ei alongado!

Muito me tarda
O meu amigo de Ourém

Ay eu sem ninguém
Como vivo en gran desejo
por meu amigo
que tarda e não vejo!
Muito me tarda
O meu amigo de Ourém”

Fátima

Rodrigo!

D. Rodrigo

Fátima! Conseguiste sair com que mister?

Fátima

(Mostra a bola) jogávamos à péla. Eu atirei-a para longe e vim ver-vos.

D. Rodrigo

Que traça a vossa. Os jogos são para ti um salvo-conduto. A cabra-cega e a péla, os teus túneis secretos.

Fátima

A clausura faz crescer o imaginário. Há misteres que a regra do Convento fazem medrar. Os lábios rezam, rezam enquanto os olhos lêem romances de cavalaria. *(Agora entristece)* Tenho uma história para vos contar.

D. Rodrigo

Muito me apraz as histórias das mil e uma noites. Contai Xerazade, que sou todo ouvidos.

Fátima

(*Triste*) É uma história breve. Não a contarei durante mil e uma noites, como Xerazade contou ao sultão. Apesar de bastante o desejar, Rodrigo.

D. Rodrigo

Hum... não creio... o pouco que me dizes é sempre tão comprido... fica a lavar-me o pensamento toda a noite. Quando adormeço a pensar em vós, nascem-me rosas dentro dos sonhos. Depois acordo e já tenho soldados e castelo e mercadores a aborrecerem-me de morte.

Fátima

(*Triste*) Na história, as flores não chegam a florir. Eram dois pássaros que se querem com muita afeição.

D. Rodrigo

Gosto do início.

Fátima

Mas os homens conjuraram contra eles.

D. Rodrigo

As histórias precisam de contrafeitos. Senão ficam aborrecidas como a vida dos camponeses. Continua... continua...

Fátima

Vieram de lanças e espadas, montados em negros corcéis e levaram-na, a ela, para mui longe. Encheu-se um mar entre eles. Uma muralha... a terra cresceu, cresceu tanto, tanto, que jamais se voltaram a ver.

D. Rodrigo

Essa trova entristece-me como uma guitarra tangida ao pôr-do-sol.

Fátima

Eles eram felizes como todos os pássaros são. Vieram os homens e separam-nos como se eles fossem apenas pássaros.

D. Rodrigo

Separaram-nos? Como? (*Espantado*)

Fátima

Separam-nos... (*aponta para ele*) o falcão... (*aponta para si mesma*) a andorinha. (*pausa*) El-Rei irá trocar-me por cavaleiros. Fala-se que ele chega em breve para levar-me. Serei entregue a Granada.

D. Rodrigo

(*Reagindo ao infortúnio*) Não vou deixar que isso nos aconteça.

Fátima

Eu sabia que isto ia acontecer. Sou moura cativa e filha de um sultão. Há razões do reino. Cavaleiros presos em terras rivais. Suas mulheres e famílias. Interesses da corte. Castelos inteiros aguardando por esses homens. Eu serei, para todos eles, a salvação. Talvez também a minha. Talvez a tua, Rodrigo.

D. Rodrigo

Não, não e não. Tu és a andorinha e eu, o falcão. Trespasso mil exércitos com as minhas garras. Não, não e não. Nem que eu espete as garras no fundo do mar até o vazar. Até que ele se torne fino e manso como um ribeiro apenas. Assim já poderei caminhar até perto de ti... da minha andorinha. *(Pegando-a ao colo)* Agarro-te com mui cuidado e trago-te de novo para o meu ninho escarpado no cimo da falésia, donde se alcança o infinito. Já viste que grandeza. Contemplar o infinito, deitados no nosso ninho? *(Pousando-a de novo no chão. Muda para um tom mais brusco)* A terra há-de ser pequena como uma noz para estarmos juntos sempre sempre.

Fátima

Falas como uma criança, Rodrigo.

D. Rodrigo

Fugimos Fátima. Fugimos agora os dois para o teu reino. Se eu lhe devolver a filha, o teu pai me fará seu genro por real mercê. Não percamos tempo. Vou arranjar dois cavalos. Espera aqui. Não tardarei. *(beijando-lhe a mão)* Minha andorinha. *(D. Rodrigo caminha em direção do exterior)*

Fátima

Onde ides? Espera. Falas e pensas como uma criança. O meu pai já faleceu. E o meu irmão jamais vos aceitaria, Rodrigo. Os tempos são de guerra, não de alianças. O que sentimos não tem valor neste tempo. Se nos odiássemos, isso sim, seria valioso para o teu rei e para o meu irmão.

D. Rodrigo

Não dizes que há só um deus. Então... lutarei por esse deus... aquele que nos uniu. Que mal tem pensar como as crianças? Que mal têm elas? Pensar como um velho é que é ruim. Não ter esperança, nem vontade, nem nada.

Fátima

Mas têm sabedoria. Eles sabem como as coisas acabam sempre e não como deviam de acabar.

D. Rodrigo

Não quero saber o que dizem os velhos. Sabes o que eles me diziam? Que eu era um galito. O castelo era o meu galinheiro. Alimentavam-me para estar gordinho. Iam desfazer-me numa canja logo que pudessem. Depois conheci-te, felizmente. Agora sei que não preciso do poleiro, nem grades de galinheiro. Só asas e leveza para voar. Não percamos tempo.

Fátima

És mesmo uma criança... Gosto de ti. *(Desaparecem no interior do pinhal)*

2ª Cena

(Surtem as mulheres da cruzada e três crianças que as acompanham.)

Maria

(Descobrimdo e indicando) O Caminho está aqui!

Galega

Non hai manera, mujeres. Não vos dixeu? *(mostrando a sua mão)* Conhezo estes trilhos como a palma da minha man. Querem seguir a Maria, sigam-na, sigam-na. Pero em vez de Granada, chegaremos todas à nossa cova!

Maria

(Encontra o caminho) Há quantas luas não lavas as mãos, hã? O caminho está aqui. Anda mas é. Por causa de ti, caminhámos duas léguas à roda... à roda. Parecíamos bois amarrados à nora.

1ª Criança

Tenho sede.

4ª Criança

Doem-me os pés.

2ª Criança

Nunca mais chegamos?

4ª Criança

Podemos descansar?

3ª Criança

Anda Teresinha, devemos estar quase a chegar.

2ª Mulher

Gente de temperança bem me havia avisado: “Não te metas ao caminho, mulher... Tal façanha é guisa de doidos”. Tenho por lá tanto para cuidar... para semear... ai que o meu homem me perdoe esta falta de vontade. *(Senta-se)* Eu fico por aqui!

(Dois miúdos sentam-se também)

Maria

Ó Mulher, não blasfemes... Sem homem morremos à míngua... e sem fé nem chegas a morrer de fome, porque a fome é coisa de vivos.*(muda de tom)* Temos de ir buscá-los... Anda daí... Tenho o meu João à espera... Assim Deus nosso senhor me dê forças para trazê-lo inteiro.

2ª Mulher

Cabeça, tronco, mãos, pés e berloques?

Maria

Ó mulher desgraçada... para que queria eu um homem sem berloques. Só se fosse p'ra cantar fininho no coro da missa.

(Risos)

2ª Mulher

(Levantando-se) Está bem, eu vou.

Galega

Colherás tantas quimeras que non precisa máis de semear, mulher. Cando veres aquelas riquezas Mouriscas a brilhar, olvidas logo os coidados e as fatigas.

Maria

Sapo gato. Tens língua de judia, ó castelhana... Temos é de encontrá-los vivos. À mingua de pão e fartas de saudades, andávamos nós, antes de nos pormos ao caminho. *(Pedindo apoio a todos)* É ou não é?

Galega

Xa dixen mil veces que non son castelhana, Pero de la Galícia.

Maria

Para mim, é tudo igual. Não és Sarracena, pois não? Isso é que vale.

2ª Mulher

É isso mesmo, Maria. Morte aos Sarracenos. Morte aos Sarracenos que nos ficaram com os maridos.

3ª Cena

(Uma criança cai desamparada. As outras rodeiam-na.)

3ª Criança

Pelas chagas de Cristo. A Teresinha está muito doente. Ajudai-a.

2ª Mulher

(Tenta reanimar a criança, quando vê que ela não acorda, assusta-se e grita)
Acudi, acudi... a minha menina se vai.

Maria

(Junta-se à criança deitada e apalpa-lhe a testa) Co'diacho... Gelada como a neve com tanto calor.

3ª Mulher

Prendam-lhe as mãos e os pés com cordel e rezem a primeira quadra da Bíblia. Já vi muitos curados com esta mezinha,

Galega

Deixa a mezinha para os que xa se finaram. Para a Teresinha, coidemos de atopar un físico. Quen ten un espello? Entre tanto mulherio, debe haber polo menos un.

Maria

Precisamos de un físico ou de un unguento. Em Ourém, debemos encontrar. *(dirigindo-se para as crianças)* Tomai conta da menina que nós vimos ligeiras. *(Encaminha-se para uma saída).*

(Trazem um espelho à galega).

Galega

Respira. Está viva. Andemos, antes de que sexa tarde.

2ª Mulher

Ó nosso senhor... Salva a minha filha... Misericórdia.... Misericórdia,

Galega

Por onde vas? Esse caminho non ten saída. Que tes a mais no corazón, falta-te nos olhos.

Maria

Cega e bem cega és tu.... Sabes porquê? Passas a vida inteira a olhar para o ouro...

Galega

Olhá-lo, non. Isto quería eu. Só sonho con el. Polo agora...

3ª Mulher

Devíamos trazer homens para mandar. *(suspira)* Onde se já viu mulheres a decidir caminhos?

Todas

(burburinho de desdém)

Galega

Anda muller.

Maria

Vou já, judia fingida.

(As mulheres saem correndo, enquanto as crianças ficam entregues à sua sorte)

4ª Cena

(Fátima e Rodrigo surgem do interior do pinhal)

Fátima

És mesmo uma criança... Gosto de ti.

D. Rodrigo

Tomas-me por criança, então? *(Desalentado)* Resta-me o consolo de não estar só. *(Olhando para as crianças-cruzados que esperam pelas mulheres)*. Temos aqui mais quatro. Já somos quase um exército.

*(Duas crianças rezam olhando o céu, enquanto outra está prostrada no chão.)
(As crianças mostram medo mas não se afastam)*

D. Rodrigo

(Curioso) Porque olhais dessa guisa?

1ª Criança

Estamos a ver se a alma dela parte para o céu.

2ª Criança

Não façais barulho, senhores. Deve estar quase a partir. *(pausa)* Se ela se espanta durante o caminho, ainda vai parar ao inferno.

3ª Criança

Senhora, acudi-nos depressa... Mais um suspiro e ela parte.

D. Rodrigo

De que padece ela?

(Fátima aproxima-se da criança doente)

3ª Criança

Está muito fria e finou-se-lhe a vontade.

Fátima

(Escuta-lhe o coração) Deixai-me ver como lhe bate o coração.

1ª Criança

É peste, senhora?

D. Rodrigo

Já basta dessa blasfémia. Cruzes.

Fátima

Tendes água convosco?

2ª Criança

Temos sim.

Fátima

(Recebe a água) Trazei-me algumas bagas de sabugueiro. Há muitas de certeza por aquele mato além.

1ª Criança

Ela vai morrer, Senhora?

Fátima

Este calor seca-nos a alma e o corpo. Daqui a pouco recupera, esperemos com confiança.

2ª Criança

Aguardemos, senhora. *(Pausa)* Tende piedade de mim. Vou a Granada libertar o senhor meu pai. Tendes um dinheiro, senhorita?

(Fátima dá-lhe uma esmola. A criança prostrada mexe-se)

3ª Criança

Está viva. Eu vi. Mexeu-se. Eu vi.

1ª Criança

(Virando-se para Fátima) Sabes curar os enfermos?

Fátima

Aprendi no livro do mestre Averróis.

1ª Criança

Quem é esse mestre?

Fátima

Foi um físico afamado que escreveu mui valorosos tratados de medicina.

D. Rodrigo

Um mouro? Tomas-me por bobo?

Fátima

(Falando com D. Rodrigo) Os muçulmanos guardam o saber dos sábios gregos. Vós, cristãos não... Queimais os livros dos antigos filósofos... Homens de elevado saber... Porfiais apenas nos mistérios das sagradas escrituras. Averróis teve mais engenho. Ensinou-nos que alcorão tem religião e ciência e que nem sempre estas duas venturas se podem casar.

D. Rodrigo

Dizes que o Corão escora as coisas da razão, por um lado... e os sagrados mistérios, por outro. *(Irónico)* Mapas celestiais, bálsamos e ave-marias. *(muda de tom)* Tudo junto. Desculpa-me minha amiga... isso é feitiçaria das Arábias.

Fátima

Achai-vos os portadores da luz. Que ignorância atrevida tendes. Demorais a dar a outra face, como mandou o vosso profeta.

D. Rodrigo

Conheces alguém capaz de a dar?

Fátima

Talvez quando encontrares verdadeiramente Deus, te tornes nessa criatura.

D. Rodrigo

Acabemos com a discussão. Deixemos a filosofia para os doutores.

Fátima

O que significa que ganhei. Não é, falcão?

D. Rodrigo

(Virando-lhe ligeiramente as costas) Às vezes irritas-me, andorinha.

5ª Cena

(Chegam a Maria, a galega e as outras mulheres)

2ª Mulher

Ó Virgem... A minha Teresinha?

3ª Criança

Melhorou. *(Apontando para Fátima)* Foi ela que a curou.

2ª Mulher

Curou-a? Quem?

3ª Criança

Aquela senhora.

2ª Mulher

(Indo ter com ela) Abençoada sejas. Nem sei o que vos dizer. *(Tira o cordão de ouro do pescoço)* Aceitai, senhora, era de minha mãe.

Galega

Que buscades por aquí, vossas senhorias?

(Fátima e D. Rodrigo estão zangados. Olham de soslaio um para o outro – quase de costas voltadas)

D. Rodrigo

(Zangado e com um leve trago de despeito) Uma andorinha destemida.

Fátima

(Com despeito) Um falcão iluminado.

Maria

(Trocista) Só vejo um casal de pombinhos arrulhados. *(Falando com a Galega)* E o que é que isso nos interessa? Como está a tua menina?

(Teresinha ainda deitada, vira-se para Maria e sorri.)

2ª Mulher

Ó Virgem Maria, que a minha menina está curada.

Galega

Boa nova. Retomemos o caminho.

Fátima

Ela precisa de descansar. Está exausta. Com este calor, a maleita regressaria como uma flecha.

Maria

Quem sois, Senhora?

Galega

(Desdenhado) Una mais para partilhar o saque dos mouros.

D. Rodrigo

Tende tento na língua, plebeia. A senhora que tendes diante de vós, chama-se D. Oriana, nasceu do outro lado do mar. É hóspede do mosteiro.

2ª Criança

Foi ela. Foi ela que curou a Teresinha. Ela sabe o ofício dos físicos.

2ª Mulher

Obrigada senhora. O físico não quis vir. Não tínhamos moedas suficientes.

Maria

(Assistindo a uma epifania) De branco, virgem e da palestina como a mãe de Cristo.

Galega

Foi breve na curación, grazas a Deus. Despachai-vos. Andem.

Maria

(Com enlevo) Ajoelhai-vos. A virgem está entre nós. Abençoado seja o vosso nome, abençoado o fruto do vosso ventre, Jesus.

(Todos se ajoelham)

Fátima

Não o façais. Peço-vos. Alevantai-vos todos. Chamo-me Fátima. Agradeço-vos a reverência. Nasci perto da terra da mãe do vosso Jesus. Venho de longe *(aponta para o poente)*. Não do Além. E tudo o que aprendi sobre curas e remédios foi nos livros que havia em casa de meu pai.

Maria

Chama-se Fátima. Fátima, mulheres, ouviram. Iremos contar a boa nova, senhora; de terra em terra. Que perto de Ourém, surgiu a virgem de branco para derrotar a morte.

(Rodrigo e Fátima fazem as pazes, afastam-se ligeiramente e abraçam-se. As mulheres rodeiam a criança em convalescença. Surge uma música, evocando a harmonia.)

6ª Cena

(O Rei entra com Afonso Madeira à ilharga)

Rei

Como dois coelhos! Apanhei-vos como dois coelhos.

D. Rodrigo

Quem sois? E do que falais? Não sou caça. E vós? Por quem sois?

Rei

Quem sou? *(ri-se)* Eu já te mostro quem sou, amancebado. Não crês nas sagradas escrituras? *(Em tom alto e imperativo)* Devias saber que o que Deus uniu nenhum homem pode quebrar.

D. Rodrigo

Falai baixo para que vos possa ouvir. Sou alcaide de Ourém? Quem sois vós? E do que falais que não vos percebo?

Afonso Madeira

El-Rei de Portugal fala-vos do sagrado matrimónio.

(Todos em cena, á exceção de Afonso Madeira e do rei fazem a vénia)

Rei

E Vós, Beatriz deixais vossos filhos entregues em suas amas-de-leite, enquanto alimentais com vosso leite sagrado este pecador.

Fátima

Beatriz? Eu não sou Beatriz?

Rei

(Irónico) Imagino que sejas Genoveva e este pobre alcaide o teu Lancelot. Que nome deste ao teu infeliz esposo? Rei Artur? Feres o mais belo e sagrado que há no mundo, o amor e o matrimónio. Vós credes na luxúria. No poder pelo poder. Na cegueira da cobiça. Submeteis tudo à lei da ganância. Queres as terras do Senhor Conde, não é, Alcaide?

D. Rodrigo

Eu posso explicar. Fátima não tem nada a ver com isso.

Rei

Cala-te, mancebo. Já ajusto contas contigo. Eu bem conheço as mulheres como vós, Beatriz. Cobras lentas e insinuantes. Enfeitiçam as presas para as devorar. Só há uma luz para acabar com este pecado. E já que jogamos aos cavaleiros da tábola redonda, vou mostrar-vos uma luz de verdade, a luz da Excalibur. *(Tira a espada e avança sobre Oriana. D. Rodrigo entrepõe-se entre o Rei e Fátima. O Rei e Afonso lutam com ele e ferem-no. D. Rodrigo fica ferido, prostrado no chão. Por fim o Rei avança para Fátima)* Agora vós, criatura?

Maria

Meu senhor tende piedade dela. Ela salvou aquela menina.

Rei

Foi magia negra. Nenhuma mãe que nega os laços da fidelidade merece viver.

Fátima

Espeta a tua espada. Carregas ódio. Todos sabemos. Abres a boca e só sai ódio.

Rei

E tu abres as pernas e entra luxúria.

Fátima

Por quem me tomas? Nunca toquei outro homem senão aquele que acabas de ferir.

Rei

Mentirosa.

Fátima

O ódio tolda-te a razão.

Maria

Tende piedade dela em nome de deus e do povo que tanto amas.

Rei

(Ri-se) Porque teria eu piedade dos vossos simples ais?

Maria

Porque o que fazeis é injusto...

Rei

É pecado desconjurar as obras do diabo, mulher?

Maria

Não vedes que ela é a encarnação da virgem. Salvou-a... a ela. *(Aponta para a criança)*.

Rei

(Saudoso e lastimoso) A virgem! Coroei-a eu, depois de morta, em Alcobaça. Essa sim era boa e terna como Maria. *(Acusatório)* Esta mulher é Beatriz, mulher de D. Álvaro. Foi o conde que me alertou e graças a deus *(pausa)* e a mim, por sua mercê, a justiça será feita.

7ª Cena

(Surge o Frade em grande aflição)

Frei António

Perdoai-me Senhor! Perdoai-me Senhor!

Rei

Quem sois?

Frei António

Sou frade medicante. Chamo-me Frei António da Cruz. Esta pobre criatura é D. Oriana, a princesa Moura.

Rei

(Jocoso) O Alcaide chamava-lhe Fátima. Tu, Oriana. Alguém tem mais algum nome? *(Enraivecido)* Não vedes como ela muda de rosto quanto quer? Não vedes como ela é falsa? Não vedes que ela conspira contra o conde? Não vedes como ela trai a confiança do esposo? Ela chama-se Beatriz. Ela engana todos... Todos. Como sois tão cegos...?

Frei António

Dizei-me então, meu bom Rei, que nobre cristã saberia de cor a primeira trova do Corão?

Rei

Nenhuma, Frade. Algumas nem uma “Avé Maria”.

Frei António

(Virando-se para Oriana)... Ainda te lembrás? (Ela confirma com um aceno) Então reza... reza.

Fátima

(Ajoelha-se e reza)

“Bismillāhi r-rahmāni r-rahīm
 Al-hamdu li-llāhi rabbi l-‘ālamīn
 Ar-rahmāni r-rahīm
 Māliki yawmi d-dīn
 Iyyāka na‘budu wa iyyāka nasta‘īn
 Ihdinās širāṭ al-mustaqīm
 Širāṭ al-laḏīna an‘amta ‘alayhim ḡayril maḡdūbi ‘alayhim walā ḍ-ḍāllīn”

Tradução (Árabe - Português):

*“Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
 Louvado seja Deus, Senhor do Universo.
 Clemente, o Misericordioso.
 Soberano do Dia do Juízo.
 Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda!
 Guia-nos à senda reta;
 À senda dos que agraciaste, não à dos abominados, nem à dos extraviados.”*

Rei

Porque me enganaria o Conde?

Frei António

A culpa foi toda minha, senhor. Fui eu que o iludi sem querer. A culpa é destes olhos velhos e cansados de tanto ler e copiar as escrituras. Só agora percebi a minha confusão. Perdoai este humilde devoto.

Rei

(Virando-se para Fátima) És mesmo a Oriana? A refém moura do mosteiro?

Fátima

Essa mesmo.

Rei

E... eu quase vos matava. Eu quase... cometia um crime como o que fizeram à minha Inês. Tendes razão, criatura. O ódio cega-me. *(Virando-se para o céu, exortando-O)* Ó senhor, perdoai-me *(Rei ajoelha-se)* Perdoai a minha cólera. Faz sarar a ferida do meu coração. Não quero ser mais o bobo da corte da fúria... Não quero.

Frei António

(Juntando-se ao rei) Ele perdoa, ele perdoa sempre.

(Começa a chover)

Maria

Chove? Chove! É o que eu vos dizia. Ela é santa.

TODOS

Milagre, milagre, milagre.

8ª Cena e última

(No mesmo local, o Conde e o Frei António da Cruz conversam a sós.)

Conde

Este frio e geada entram-nos pelos ossos adentro, Frade.

Frei António

Ainda há pouco todos se queixavam do calor. A eterna inquietação dos mortais.

Conde

Há notícias dessas loucas que levam os seus filhos até às garras dos sarracenos?

Frei António

Dizem que a fé guia e salva, D. João Afonso. Chegaram ontem à taberna, três homens resgatados. Contaram que as mulheres ao chegarem a Granada se disfarçaram de mouras. Ofereceram os seus beijos e regaços aos guardas da torre onde seus maridos estavam cativos. E conseguiram resgatar a maioria dos homens.

Conde

Mouras? Não creio que os enganassem. Quando viram mulheres de pele branca como louça e olhos azuis de safira, não quiseram saber de mais nada. A carne é fraca, frade, muito fraca.

Frei António

Os miúdos roubaram-lhes as chaves e soltaram os homens.

Conde

Que raça esta, a lusitana! *(Pausa)* E Oriana? El-Rei partiu tão estranho com o seu séquito. Nem me disse sequer qual o destino que decidiu dar à princesa Oriana.

Frei António

Os bispos decidiram levá-la para um lugar seguro. O milagre e a santa não podiam ficar juntos. Era demasiado arriscado idolatrar uma pessoa ainda tão jovem.

Conde

(Completando) Com tantos pecados ainda por cometer.

Frei António

Os conselheiros do rei também não viram com bons olhos uma moura baptizada que acreditava que todos os deuses eram afinal o mesmo. Aconselharam o rei que o mais certo era entregá-la ao seu irmão por troca com cavaleiros cristãos.

Conde

E esse mancebo sem alma do Alcaide?

Frei António

D. Rodrigo? Depois da sua reação contra a vida d'el-rei, julgou-se por toda a vila que a masmorra ou o cadafalso era o seu fim. Mas é como dizeis, Conde. El-Rei ficou estranho depois do milagre. Viu naquele amor algumas semelhanças com o dele por D. Inês. E perdoou-lhe. Partiu com Oriana e toda a guarda enviada para a troca de reféns.

Conde

(Absoluto) Foi o milagre da chuva que salvou esse impostor.

Frei António

Deus fez a sua parte. A sua misericórdia é infinita.

Conde

O conspirador partiu? *(Conclusivo)* Foi um milagre, então... E a carta? O que fizeste à carta que te pedi para entregares a Oriana?

Frei António

Perdoai-me a audácia, Conde. As vossas palavras eram tão fortes que achei que devia ser D. Rodrigo a entregá-las a Oriana como se fossem suas.

Conde

(Incrédulo) Entregaste as minhas cantigas a D. Rodrigo? Como ousaste? Aquela era a minha alma, não a dele. Foste entregá-las a um miserável mancebo, a um perjuro?

Frei António

(Subserviente) Vós amáveis um espectro, uma ilusão.

Conde

O que te importa. Aquelas palavras eram minhas, Frade. Raios te partam. *(pausa)* Ninguém amou assim, ouviste? *(pausa)* Tu podes lá entender o amor entre homens e mulheres, pobre celibatário.

Frei António

Vindas de vós, aquelas palavras eram apenas letras mortas aos olhos de Oriana, não duvideis. Vós tendes idade para ser pai dela. A carta? *(poético)* Eram rimas tão belas, palavras sem dono, nem tempo. *(Muda para tom um tom realista)* Mereciam que alguém ficasse com elas no coração à espera que chegue de novo a primavera. Talvez mais tarde, elas façam nascer novos reinos e seus infantes pelo deserto. Como aquele milagre que fez chover por estas terras secas *(pausa)*. Vou descansar. Foram dias de muito reboiço. Já começo a ficar velho, meu senhor. *(Olhando primeiro céu devagar)* Hoje está quarto crescente. Um bonito astro, por sinal. Faz lembrar a Oriana – a Moura. A princesa-santa. Boa noite, Conde.

Fim do IV Ato e da peça